

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Jde PBL Class.: 209

Data: 22.04.84 Pg.: _____

Rebelião dos Txukarramãe, história bastante antiga

José MARQUEZ

Exatamente quando se comemora, no País inteiro - inclusive no Grande ABC - a Semana do Índio, cresce a tensão no Parque Nacional do Xingu, onde silvícolas de várias tribos mantêm como reféns três funcionários da Funai (Fundação Nacional do Índio) e exigem a destituição do presidente do órgão, Octávio Ferreira Lima, além - e principalmente - a demarcação de uma faixa de 40 quilômetros entre as fazendas e a margem direita do rio Xingu.

Os reféns são Carlos Grossi e Lamartine Oliveira (diretores da Funai) e o sertanista Sidney Possuello, que comanda o Posto Leonardo Villas Boas. Quem comandou o sequestro foi Raoni, o cacique botocudo, que logo em seguida recebeu o apoio de Takumã, líder e pajé dos Kamayorã e de Aritana, o jovem capitão luliupiti.

Enquanto o ministro Mário Andreazza, do Interior, não se pronuncia, assim como o ministro Danilo Venturini, dos Assuntos Fundiários, os Txukarramãe, irmanados com os Trumay, Kaybay, Kranhacãrore, Suyá, permanecem em pé de guerra.

Mas que ninguém se preocupe. Os índios não são maus. São decentes e lutam por aquilo que lhes é de direito. Um exemplo disso: esses três reféns podem sair de suas malocas e, como crianças, subir nas goiabadeiras existentes do Kretire. Podem até tomar banho e nadar nas negras águas do rio Xingu. Porque, apesar de a maioria os considerar selvagens, são mais inteligentes que os civilizados. Os *caraiabas* - como eles chamam os brancos - jamais conseguirão fugir do Xingu sem a sua ajuda. Eles - os índios - acabaram com todas as possibilidades de o branco chegar na aldeia Kretire. E de sair também. Os próprios irmãos sertanistas Cláudio e Orlando Villas Boas, quando indagados se poderiam viajar até o Xingu e botar um fim na crise responderam, convictos: "O índio é um homem livre. Se ele se revoltou porque foi ofendido. Todo índio sabe o que quer. E nós não vamos intervir nesta causa". E lembrou a última declaração de Mekaron: "Aqui ninguém é criança. Nós prendemos a língua do branco para defender nossa terra. A gente sabe pensar

sozinho e não adianta dizerem que têm outras pessoas mandando a gente fazer essa coisa toda".

Por que o conflito?

O conflito entre os índios do Parque Nacional do Xingu, e os brancos - que agora ganhou destaque nos jornais e nos demais órgãos de Comunicação - é uma História bastante antiga. Quando Jânio Quadros era presidente da República, fazendeiros de Mato Grosso já causavam problemas, invadindo ilegalmente as terras indígenas com a demarcação de suas propriedades. Foi quando criou-se o Parque Nacional do Xingu, a primeira grande vitória dos índios, após intensa luta comandada pelos irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas.

A Aldeia Kretire fica distante 200 quilômetros, por via aérea, do Posto Leonardo Villas Boas, localizado no coração do Parque, no Estado de Mato Grosso, numa esfera geográfica circundada por Goiás e Pará. É um local bucólico. Bastante arborizado, com árvores frutíferas e as águas do rio Xingu espraiando-se ao lado, como se fosse uma ilha. Bem próximo, fica a aldeia dos Kranhacãrore, mais conhecidos como índios gigantes e que foi a última tribo contactada pelos irmãos Villas Boas. Além destes e dos Txukarramãe vivem na área índios da tribo Suyá, Kayabi e Juruna. Ao todo, há cerca de mil silvícolas. São agradáveis e gentis quando em paz. Mas tornam-se temíveis guerreiros.

Os líderes

O principal líder da rebelião indígena no Kretire é o cacique Raoni. Sempre de botoque, ele é agressivo com os *caraiabas*, principalmente quando vê desrespeitados os direitos de sua gente. Pouco fala em português e faz questão de se expressar no dialeto Gê. Está sempre de cocar e uma poderosa borduna na mão direita. Apesar disso, no entanto, o principal líder do Xingú é o cacique e pajé Takumã, chefe dos Kamayorã e que aderiu à revolta, postando-se com seus guerreiros na aldeia Kretire.

A eles, aliou-se também o famoso capitão Aritana - que já foi até personagem de telenovela - da tribo luliupiti. Ele é considerado o campeão de Uka-Uka do Xingu e tem força incrível. Aritana já existe

no Grande ABC e ficou aborrecido quando viu pessoas morando debaixo de viadutos e também em favelas. "Cidade grande é desumana. Gente não tem o que comer. Na selva, ninguém passa fome", foi o seu desabafo.

Ararapã é outro chefe. Gosta muito de caçar e seu tiro sempre é certo. Usa pequenos gaviões como isca. Está sempre armado com uma velha espingarda. Seu sonho é aumentar o número de habitantes de sua tribo, utilizando o método de uma procriação intensa. Cada casal de índios deve ter, no mínimo, seis filhos. Ararapã, depois de Aritana, é considerado um dos índios mais bonitos do Xingu.

Quem até agora mantinha a comunicação, pelo rádio, entre a aldeia e o Planalto Central, era Megaron. Megaron é cego do olho esquerdo, mas sabe manejar o aparelhamento de comunicação melhor do que muitos brancos. Megaron já esteve em São Paulo.

Esses são os líderes da rebelião. Todos homens fortes e convictos de suas decisões. Não vacilam em matar quando seus direitos são ameaçados. E quando fazem uma promessa, cumprem.

Quem são

Txukarramãe, no dialeto Gê, quer dizer gente de botoque (uma espécie de madeira colocada na língua e lábios). Eles foram contactados pelos irmãos Villas Boas no final de 1953. Encontraram seis deles em uma barraca do rio Xingu. Entre eles, houve um mais corajoso que se aproximou. Um resolveu passear de barco. Seu nome era Krumay. Logo foi seguido por outros dois. Depois de umas voltas de barco, tomaram a direção do rio Iacaré. Eles se assustaram, ficaram até revoltados. Mas foram conversando. Pararam depois em uma praia fluvial e mataram dois mutuns. Fizeram um para os índios e outro para eles. O mutum precisava de quatro horas para cozinhar. Mas, meia hora depois, os índios resolveram comer o mutum, ainda cru, com areia e tudo.

Depois, seguiram para o Posto Leonardo Villas Boas, onde ficaram uns 15 dias e aprenderam a comer mutum cozido com farinha. Finalmente, encheram o barco de presentes e desceram. A tribo recebeu os Villas Boas muito bem. Trouxeram bananas, de um tipo que hoje não existe



Sidney Possuello, um dos reféns na aldeia dos Txukarramãe, circundada por braços do rio Xingu



mais - tinha uma casca tão dura que precisava ser quebrada a machado. A partir daí, começaram a frequentar a aldeia dos Txukarramãe.

Nessa viagem, os Villas Boas levaram presentes para homens e mulheres. Poucos para as mulheres. Havia de 300 a 400 índios na beira do rio e outros no interior da mata. E eles queriam que os irmãos fossem chamá-los. Os Villas Boas estavam com Kritão, um índio bastante forte. Impuseram uma condição aos índios. Eles deveriam acompanhá-los até as outras aldeias na mata onde diziam haver mais uns 200 ou 300 índios, para não pôr em jogo a vida dos companheiros que iriam ficar tomando conta do barco, acampados na margem do rio; dois índios Juruna e dois Kayabi. Kritão garantiu que todos os acompanhariam. Depois de caminhar em fila indiana, cerca de 10 minutos, olharam para trás e não viram mais sinal de índios. Kritão justificou o desaparecimento dizendo que eles haviam ficado com preguiça. Assim mesmo, prosseguiram. Segundo Kritão, se andassem depressa

chegariam às aldeias antes do anoitecer. Mas só conseguiram alcançar a primeira aldeia na tarde do outro dia. Passaram uma fome danada porque não haviam levado arma de caça para não amedrontar os outros índios. Também não haviam levado comida. Kritão conseguiu flechar uma arara.

No outro dia, seguiram viagem por um caminho tortuoso. Quando chegaram, à noite, havia cerca de 100 Txukarramãe com tochas acesas na mão. Disseram que as mulheres estavam bravas e tinham ido embora. Pediram que os Villas Boas fossem chamá-las. Entraram por uma pequena trilha. Logo no início, um índio segurou Cláudio pelo braço e, depois, Orlando. Foram levados até o acampamento. Fizeram um fogo e rodearam, todos de borduna na mão. Orlando quis conversar mas um índio lhe enfiou a borduna na barriga. Mandaram novamente que chamassem as mulheres. Orlando começou então a gritar na língua Txukarramãe: "Mulheres, voltem aqui. Não somos brávos. Vamos trazer presentes". Um deles

gritou: *Kubenkridi abakobim*" (Matem os brancos). E todos repetiram - "Kubenkridi abakobim".

De repente, chegou uma velha. Fez-se silêncio. Os índios guardaram as bordunas e abriram o círculo. Alguém acendeu o fogo e deixaram que Orlando fosse de encontro à velha. Ela cuspiu na mão e esfregou em seu rosto. Ai, afastou-se para voltar depois com as demais mulheres. Contornada a situação, foram para a beira do rio, guiados pelos índios.

Com o relato do contato que os veteranos sertanistas Cláudio e Orlando Villas Boas mantiveram com os Txukarramãe percebe-se que são homens decididos, que não gostam de ser traídos e muito menos desrespeitados. Sua terra é sagrada.

Por isso é tensa a situação na aldeia do Kretire. Raoni, o cacique botocudo pode se enfezar e determinar a matança, não só dos três reféns, como também o ataque às fazendas próximas ao seu *habitat* natural.

Basta ele gritar *Kubenkridi abakobim*. E os brancos estarão mortos.